

teatroviriato



MOSTRA DE DANÇA

NANT

NEW AGE, NEW TIME

16-30  
NOV'18

## PROGRAMA

**16 e 17 NOV** sex e sáb

21h30 // 70 min. // m/ 6 anos

**HAPPY ISLAND**

LA RIBOT • GRUPO DANÇANDO COM A DIFERENÇA

ESTREIA NACIONAL

**24 NOV** sáb

21h30 // 50 min. // m/ 3 anos

**BIBI HA BIBI**

HENRIQUE FURTADO e ALOUN MARCHAL

**18 NOV** dom

Cinema

17h00 // 53 min. // m/ 6 anos

**UM SACO E UMA PEDRA –  
PEÇA DE DANÇA PARA ECRÃ**

TÂNIA CARVALHO

**25 NOV** dom

Conversa

17h00 // 70 min. aprox // m/ 16 anos

**SE NÃO SABE PORQUE É QUE PERGUNTA?**

JOÃO FIADEIRO e JOAQUIM ALEXANDRE RODRIGUES

**21 NOV** qua

21h30 // 60 min. // m/ 12 anos

**QUARTA-FEIRA: O TEMPO DAS CEREJAS**

CLÁUDIA DIAS

**26 NOV** seg

Conversa-Performance

CONVERSA-PERFORMANCE

21h30 // 60 min. // m/ 16 anos

**O QUE EU SOU NÃO FUI SOZINHO**

JOÃO FIADEIRO e ANTÓNIO ALVARENGA

RENON-TAGEM

**22 NOV** qui

Conferência

21h30 // 45 min.

// m/ 14 anos, estudantes, artistas e interessados em dança

**A PRESENÇA DO TEXTO NA DANÇA  
E NO TEATRO CONTEMPORÂNEOS**

MICKAËL DE OLIVEIRA

**29 e 30 NOV** qui e sex

21h30 // 60 min. // m/ 6 anos

**UM ENCONTRO PROVOCADO**

HENRIQUE RODOVALHO

COMPANHIA PAULO RIBEIRO

ESTREIA

**23 NOV** sex

Conferência Encenada

21h30 // 50 min. // estudantes, artistas e interessados em dança

**MOVIMENTO PROSÓDICO: PALAVRAS  
IMPREGNADAS DE IMAGEM  
– O TEXTO E A DANÇA**

LUIZ ANTUNES

ESTREIA

# UM CORPO IMPRÓPRIO

MICKAËL DE OLIVEIRA

(INVESTIGADOR, PROGRAMADOR, AUTOR /ENCENADOR)

*New Age, New Time (NANT)* é uma mostra anual de dança que celebra este ano a sua 7ª edição, construindo, em cada uma delas, uma programação que entrega aos visões um novo presente (um outro tempo) sobre a contemporaneidade da dança. Hoje mais do que nunca, torna-se difícil definir o que seria a dança, tão vasta é a sua tradição e são as suas múltiplas expressões. Contudo, algumas das seguintes características podem ser encontradas nos espetáculos que constam do programa, tais como: "singularidade", "identidade", "reinvenção" (histórica) e "inclusão". Estes termos talvez nos ajudem a recuperar, para uma visão global, alguns aspetos das práticas coreográficas da nossa contemporaneidade que contribuíram certamente para as escolhas programáticas que NANT nos propõe nesta edição de 2018.

Neste ciclo, o Teatro Viriato apresenta uma variedade de coreógrafos, com práticas bem distintas entre si, entre os quais La

Ribot/Grupo Dançando com a Diferença (Dir. de Henrique Amoedo), Tânia Carvalho, Cláudia Dias, João Fiadeiro, Henrique Furtado/Aloun Marchal, Henrique Rodvalho / Companhia Paulo Ribeiro; e promove um exercício de reflexão crítica sobre as transformações artísticas operadas no seio da dança contemporânea (portuguesa e estrangeira) a que Fiadeiro, António Alvarenga, Joaquim Alexandre Rodrigues, Luiz Antunes e eu próprio nos entregamos.

Para falar em singularidade, como qualidade de apreciação e de distinção de uma obra (no meio das demais), teremos de remontar à revolução artística que decorreu durante as fases do Romantismo europeu. Contudo, foram os modernistas que, pouco mais tarde, a consagraram na 1ª metade do século XX, fazendo com que os seus programas/manifestos vingassem, destronando a primazia da técnica e do academicismo em prol de um traço estético pessoal e único (o mito da originalidade). Critério de aprecia-

ção ou mito, vingou nas artes performativas contemporâneas (e em outras artes) a produção de um gesto singular contra a reprodução de um gesto meramente técnico, que passou a constituir parte do propósito de toda a pesquisa e produção artística contemporânea, sendo assim a singularidade uma das suas forças motrizes, como também uma das suas fragilidades. A singularidade pressupõe ser a antítese da repetição estética involuntária que assenta, pelo contrário, na função crítica do dispositivo e seu discurso cénico. O corpo do bailarino, o gesto do coreógrafo, tendem a privilegiar um outro tipo de beleza que foge à proeza da repetição dos cânones (do seu repertório) para se emanciparem com novas formas e metodologias de criação, operando desvios necessários para pensar igualmente uma outra questão—a da (sua) identidade.

A noção de identidade surge como uma moeda de duas faces: por um lado é uma alavanca para indagar a constituição de uma disciplina artística, por outro torna-se num instrumento temático, tanto para o criador como para o espectador que se escutam para perceberem quem são e o que fazem juntos num contexto performativo. No entanto, abordar a identidade da dança contemporânea revela ser um campo minado para a reflexão, de tão facetada que o

seu universo é. Mesmo perante esse perigo, vemo-la amiúde pensar-se sobre si própria. Alguns coreógrafos empenham-se, a cada espetáculo, em expor uma pergunta simples e tentacular: o que significa estar presente e dançar? Em 2018, NANT continua a mostrar criadores que, implícita ou explicitamente, são uma amostra desse empenho.

A francesa Laurence Louppe adianta várias hipóteses acerca do nascimento da dança contemporânea (no ocidente), da sua identidade, afirmando, no seu famoso livro *Poética da dança contemporânea*, que ela nasce “não da dança, mas de uma ausência de dança”<sup>1</sup>. Como se, para se emancipar, ela tivesse tido a necessidade de rever toda a sua tradição, ou seja, aquilo que forjou a identidade da disciplina até hoje. Daí encontrarmos nas obras apresentadas em NANT uma procura, velada ou não, de reinventar (ou inquirir) a história da dança, retirando desse gesto inicial a sua liberdade e legitimidade.

Ao não nascer da dança, seguindo Louppe, o gesto coreográfico proporciona um lugar amplo e inclusivo, tornando-se assim numa disciplina aglutinadora, ou num lugar entre lugares. Por vezes, o termo “performance” vem relevar-se como um nome mais descomprometido ou aberto para identificar

<sup>1</sup> LOUPPE, Laurence. (2012). *Poética da Dança Contemporânea*. Lisboa: Orfeu Negro. p. 55

um objeto artístico cavernoso que cresce nas suas sombras e que substitui ou se mescla à palavra dança.

A dança que se escreve e compõe (ao vivo) pelos bailarinos, a dança que fala, a dança que se desprende de outras partituras, a dança e a sua teatralidade, a dança que aparentemente não dança, o formato de conferência-performance, são algumas das suas formas de expressão contemporânea. Além de incluir linguagens e formas espetaculares que, a priori, não se inscrevem na tradição da dança, a diversidade da fisionomia do que costumamos hoje encontrar em cena manifesta-se igualmente como desejo de representação de todos os nossos corpos. O corpo impróprio que dança é também um corpo que inquieta, podendo aquele que nunca é representado representar-se a si próprio e afirmar a sua vivência de outro modo, num palco. Sintoma da transformação da dança, o século XXI passa também a chamar o bailarino de performer, para corresponder, em parte, à pluralidade das suas funções em palco e ao lugar estético não-convencional que habita.

A dimensão transdisciplinar da dança que evidencia o aspeto crítico das suas frontei-

ras parece encontrar-se na essência da sua contemporaneidade. A presença do vídeo (ao vivo e gravado), o recurso a materialidades digitais, o uso da palavra dita em cena, a utilização do canto (pelo performer), a dança fundada na diegese, o seu carácter copresencial e as suas novas formas relacionais entre obra e público, ou ainda a utilização de espaços não convencionais de apresentação, são algumas das especificidades com que a composição coreográfica se tem relacionado (de forma cada vez mais intensa) desde os anos 50 do século passado. Esse lugar híbrido entrega à dança uma larga liberdade composicional, reconhecido por parte dos coreógrafos do nosso tempo que estabelecem outras relações possíveis com o real e com as suas políticas. François Frimat, em *Qu'est-ce que la danse contemporaine*, recorda que a dança contemporânea é "uma arte de exercer o poder, de arbitrar conflito e de jogar com as formas de representatividade"<sup>2</sup>, cujo aspeto híbrido atua "enquanto nova marca dos protagonistas da profissão, como também um hibridismo enquanto primeiro dado de qualquer dança e sobretudo um recurso às técnicas do hibridismo no próprio processo da escrita de um grande número de coreógrafos de hoje"<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> FRIMAT, François. (2010). *Qu'est ce que la danse contemporaine? (Politique de l'hybride)*. Presses Universitaires de France: Paris. p.54

<sup>3</sup> Idem, p.31

Assistir à 7ª edição do *NANT* é presenciar as transformações da nossa dança nas suas infinitas dobras e deslocções formais, temáticas, metodológicas e processuais. Assim, a sua programação dá-nos conta da pluralidade estética e geracional que a dança contemporânea oferece em espetáculos como *Happy Island*, uma criação da coreógrafa espanhola La Ribot, com o Grupo Dançando com a Diferença (a convite do seu diretor artístico Henrique Amoedo) que a jornalista e ensaísta Cláudia Galhós define como “resultado de um encontro entre pessoas e lugares específicos, propondo um novo género de site-people-specific”<sup>4</sup>, sendo a Madeira um ponto geográfico de confluência, de partidas e chegadas. Já Tânia Carvalho apresenta também em *NANT* uma das suas últimas criações *Um Saco e uma Pedra – Peça de dança para ecrã*, na qual foge do palco para o ecrã, ao coreografar um filme musicado por Diogo Alves, músico com quem costuma colaborar. O ciclo acolhe ainda o projeto continuado de Cláudia Dias, que propõe criar uma série de espetáculos (7 anos 7 peças), convidando, em cada um, uma pessoa para dialogar consigo artística e politicamente (áreas para a criadora indissociáveis) sobre temas que, de certa forma, assombram as sociedades portuguesa e europeia. Dias apresenta, este

ano, *Quarta-Feira: o tempo das cerejas*, espetáculo que joga com o tempo, colocando numa cratera em palco a cronologia de um século documentado e ficcionado (1971-2071). A programação integra ainda um dos artistas associados ao Teatro Viriato, João Fiadeiro, fundador da estrutura de criação Re.AI e figura cimeira da Nova Dança Portuguesa, que nos oferece a remontagem do espetáculo-debate *O que eu sou não fui sozinho* (2000, Lisboa), convidando, para este dueto, António Alvarenga, economista e seu cúmplice viseense. O ciclo *NANT* apresenta uma parceria coreográfica entre dois jovens corégrafos, cujo espetáculo *Bibi Ha Bibi*, uma primeira obra do português Henrique Furtado, coassinada pelo francês Aloun Marchal, com quem interpreta um vasto diálogo físico e sonoro (ora delicado, ora grotesco). Renovando parcerias vitais, a Companhia Paulo Ribeiro, residente do Teatro Viriato, marca a sua presença com a apresentação, em estreia nacional, de um espetáculo criado com o coreógrafo brasileiro Henrique Rodovalho, a partir da ideia de violência e de criminalidade, confrontando as realidades portuguesas e brasileiras.

Fora a exibição de espetáculos, várias conversas e conferências animam o ciclo *NANT*,

<sup>4</sup> Consultado em: <http://www.laribot.com/work/60> (20/08/2018)

prologando o aparelho crítico presente em cada espetáculo desta 7ª edição. Em *Se não sabe porque é que pergunta?*, Fiadeiro faz do título desta conversa o seu ponto de partida para se interrogar com Joaquim Alexandre Rodrigues sobre dança e arte contemporânea e a sua relação com os públicos. Para abordar outros temas vinculados às formas coreográficas contemporâneas, Luiz Antunes (investigador e coreógrafo) lança na sua conferência-performance *Movimento prosódico: palavras impregnadas de imagem – o texto e a dança* matéria para discutir sobre algumas experiências de utilização da palavra dita em cena, tema da minha conferência *A Presença do Texto na Dança e no Teatro*<sup>5</sup>.

O corpo impróprio, híbrido, que referi anteriormente, que enforma a dança contemporânea, goza hoje de uma grande legitimidade, perante as instituições e os públicos, estando a constituir a sua própria tradição em Portugal e além-fronteiras. *NANT* não é, por isso, um mero ciclo, mas uma plataforma para partilharmos as formas sensíveis do futuro, de uma dança fora dela.

<sup>5</sup> Ambas resultam da realização do Colóquio Internacional *A Presença do Texto na Dança e no Teatro Contemporâneos – do centro à margem da cena*, que organizei em Lisboa, em maio de 2018, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no Atelier Re.AL, nos Estúdios Victor Cordon e na Galeria Zé dos Bois.